

A EDUCAÇÃO E O EMERGIR DO HUMANO NO MUNICÍPIO DE PINHEIRO PRETO¹

Gabriela Frizzo Patrício*

Clenio Lago**

Resumo

Ao articular o ser com o espaço vivido, ocorre a constituição de territórios nos quais o homem se encontra ao realizar também a experiência social. Este artigo, ao analisar a colonização italiana do Município de Pinheiro Preto e os seus traços culturais, pretendeu explicitar como o ser humano experimenta a finitude, ao mesmo tempo em que busca respostas aos desafios da condição humana. Assim, por meio do encontro dos traços dessa cultura com a abordagem educacional, pretendeu-se evidenciar como ambas são estruturadas na perspectiva do jogo de vontades de poder em que o sujeito atua e se efetiva como humano. Nessa intrínseca relação, evidencia-se que o global precisa do local e vice-versa. O objeto da análise é constituído pelo resultado dessa dinâmica de atuação, articulada ao contexto cultural e econômico vigente em que o ser humano, na sua condição humana, dialoga consigo mesmo em meio ao jogo do devir.

Palavras-chave: Ser humano. Educação. Território. Colonização italiana. Pinheiro Preto.

1 INTRODUÇÃO

Localizado geográfica, histórica, cultural e economicamente no Meio-Oeste de Santa Catarina, o Município de Pinheiro Preto destaca-se por apresentar traços arraigados da cultura italiana, que vão desde o cultivo de uvas à produção de vinhos. Nesse meio, são realizadas festas, com almoços e jantares que tradicionalmente lembram a cultura da imigração italiana. Tais festas possuem como cardápio sopa de *agnoline*, macarronadas, polenta, galinha em molho, etc. e estão sempre regadas com celebrações religiosas antes das festas e com danças típicas durante ou após os almoços e jantares.

Na escola, local de produção do conhecimento científico, há vários registros das mais diversas formas dessa cultura. Tais registros vão desde fotos, filmagens, textos, poesias, poemas, até a participação em eventos municipais, como desfiles e gincanas culturais que, de alguma forma, sempre trazem a lembrança do vinho, bebida indispensável para os descendentes de imigrantes italianos.

Socioeconomicamente, a comunidade pinheiro pretense, desde os primórdios de sua colonização, sempre conservou a experiência da produção de uvas e da fabricação de vinhos. O que no início era destinado, de forma tradicional, ao consumo familiar, aos poucos foi se moldando para a área industrial. Hoje, “[...] com 3.000 habitantes, o município é responsável por 50% do vinho produzido em Santa Catarina. Integra o roteiro Vale da Uva e do Vinho, junto com as cidades de Tangará e Videira.” (PINHEIRO PRETO, 2014).²

Atualmente, o município é conhecido como a Capital Catarinense do Vinho, por meio da Lei Estadual, n. 12.145, de 05 de abril de 2002.

Considerando esse cenário, o presente artigo busca na educação do Município de Pinheiro Preto, SC, ao que se refere o processo colonizatório fortemente marcado pela cultura italiana, elementos que constituem o originário do

* Especialista em Ensino de Geografia e História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Fraiburgo; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense de Videira; gabriela@ifc-videira.edu.br

** Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Professor do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; Professor de Filosofia e Filosofia da Educação na Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; clenio.lago@unoesc.edu.br

povo pinheiro pretense, compreender o projeto humano local em seu acontecer originário. O território analisado por este artigo constitui-se, portanto, como o “território do vinho”, marcado pela forte influência dos seres humanos diante dos aspectos culturais, econômicos e sociais que marcaram o processo de colonização de Pinheiro Preto, como a forte presença do catolicismo e da colonização italiana.

Portanto, busca-se compreender de que forma as culturas e crenças de “origem” da população pinheiro pretense projetaram o devir humano. Fazer a releitura das experiências originárias desse território possibilitaria a compreensão da condição humana, bem como a compreensão de alguns elementos sustentadores dos propósitos educacionais estruturadores do próprio devir originário do município. É por meio da análise existencial da comunidade de Pinheiro Preto e do humano emergido nessa temporalidade que poder-se-á indicar um projeto educacional como forma de assegurar e promover o ser como temporalidade, na garantia do entreaberto da transcendência. Nesse sentido, compreender a constituição do município possibilitaria referenciais, por meio dos quais as ações educacionais poderiam desbordar novas formas de pensar do poder público para com o povo pinheiro pretense.

Entre os questionamentos que permeiam a produção desse trabalho, tem-se os benefícios que as formas do pensar a educação do Município de Pinheiro Preto, diante da temática cultural do vinho e da colonização italiana, agregam para o mundo do trabalho e para a comunidade local, assegurando o ser como possibilidade. Será nesse ponto que o ser humano arraigado por essa identidade cultural encontra a sua finitude?

2 DO ORIGINÁRIO

Diferentemente da lógica formal tradicional que admite uma causa e se estrutura como relação causal (causa e efeito – A que gera B que gera C que gera D, e assim por diante), podendo fazer o caminho inverso, o originário foge a uma interpretação da metafísica tradicional, por que ele “[...] não se identifica nem com *começo* nem com *causa* enquanto *essência*. Outra perspectiva é a da compreensão do *tempo*. É um *tempo poético-ontológico* que consiste em estar sempre principiando e constituindo realidade.” (AZEVEDO; CASTRO, 2010, p. 226).³

Partir do conceito de originário exposto por Heidegger e da constatação heideggeriana da necessidade de ouvir o ser como forma de superar o esquecimento do ser gerado por uma cultura que se fechou à técnica para um *telos*, “[...] na determinação metafísica do ser como simplesmente dado [...]” (SCHUBACK, 2008, p. 25), implica profundamente compreender o ser enquanto experimentador da sua historicidade, do seu encontro consigo mesmo, pela experiência de atuar como um ser social e cultural, enquanto temporalidade, além de compreender o ser como temporalidade, como ser-no-mundo. Diz Stein (2008, p. 83):

Quando Heidegger introduz a temporalidade (*Temporalität*) como um princípio ativo de distinção e ordenação que articula o mundo numa estrutura determinada de manifestação do ser, ele pretende encontrar, ao mesmo tempo, um princípio de racionalidade que permita compreender e justificar a racionalidade das “ontologias regionais” e as razões que permitam justificar e compreender a estrutura historial em que os compromissos possíveis de uma época se articulam com uma determinada racionalidade.

Assim, a postura heideggeriana comporta uma racionalidade que se determina a partir da necessidade contingente e o pensar a coexistência de racionalidades, em meio à contingência, assegura o ser enquanto acontecer, o que exige cuidado, pois “[...] define o homem com ser-no-mundo em sua estrutura prática.” (STEIN, 2008, p. 95). Nesse sentido, o homem não é mais exterior a si mesmo como observador, senão que desde já está referido, na observação. Assim, é no círculo hermenêutico que se articula essa racionalidade e o ser acontece enquanto ser, para além da estrutura da filosofia da consciência que, de forma sintética, existe alguém que conhece a alguém ou algo que é conhecido.

Compreender o ser humano é uma das tarefas que a ciência, mas não somente a ciência busca efetivar, como também a filosofia, a teologia, a sociologia, embora às vezes não a considerem a experiência de finitude em sua radicalidade. É um anseio do homem contemporâneo. O ser humano é temporalidade, obra fazendo-se. E, dentro dessa perspectiva, ao ser obra se fazendo, o homem depara-se com as diversas inquietudes do lapidar dessa obra em que configura e se configura com o mundo. Conforme Schuback (2008, p. 31-32):

A experiência filosófica com que *Ser e tempo* nos presenteia está na descoberta de que a vida fática do homem, a existência, é um entreaberto vivo, um desprendimento incessante do já determinado, a possibilidade livre de entregar-se ao nada aberto de um durante, onde se descobre que assim como o raio só existe em raiando, o homem só existe fazendo-se presença. Com o mistério da presença, surge o campo do vazio, esse em que o mundo pode fazer-se mundo.

Assim, ao compreender-se o humano como obra acontecendo, objetiva-se evidenciar as formas do pensar a educação do Município de Pinheiro Preto diante da temática cultural do vinho e da colonização italiana e seus desafios como um dos elementos desse humano fazendo-se. “É na experiência que fazemos com a obra, mas também que fazemos entre nós que pode se efetivar a formação como autoformação, na sua mais alta acepção.” (LAGO, 2011, p. 109).

3 O EMERGIR DO HUMANO EM PINHEIRO PRETO

As necessidades da compreensão do ser, da explicitação da condição humana perante o processo colonizatório, na modernidade, resultam da falta de sensibilidade para o humano; segundo Heidegger (2011), resulta no esquecimento do ser. Tal esquecimento desencadeou uma profunda lacuna de interrogações sobre o vazio em meio ao empobrecimento do humano, à medida que o homem se outorgou à condição de sujeito absoluto do processo.

Considerando que a cultura ocidental questiona as suas experiências, as quais acabam por se tornar pressupostos para o conhecimento científico, é a partir do diálogo profundo consigo mesmo e com os outros, estruturado por perguntas e respostas (GADAMER, 2005), que o ser humano constitui a sua essência histórica e se compreende como histórico: como temporalidade. Assim, em um movimento dialético aberto – dialógico –, a transformação do ser ocorre na compreensão, à medida que, respondendo aos vazios da condição humana, o homem efetiva-se como humano, descobre-se como humano em meio às experiências limites.

É no contexto da formação territorial de Pinheiro Preto, constituído a partir dos traços da colonização italiana, da religião católica e da cultura do vinho, que se constitui a identidade pinheiro pretense. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o processo de colonização do município remonta ao cenário da busca do ser humano consigo, por meio das inquietudes que o levaram a compreender o seu ser, em um momento de profundo questionamento, como é o caso dos emergidos em meio à globalização.

Ao considerar que foi no final do século XIX e início do século XX, com o início da construção da estrada de Ferro São Paulo/Rio Grande do Sul, que as terras onde hoje se situa o território de Pinheiro Preto começaram a ser “desbravadas” pelos imigrantes italianos, radicados no Rio Grande do Sul, trazendo consigo a língua, as tradições e os costumes arraigados, um modo de ser específico, percebe-se que um aspecto cultural de grande relevância foi, sem dúvida, a religião católica. É com esta e por meio desta como referencial que os imigrantes italianos buscavam a compreensão das experiências pelas quais passavam naquele momento, dialogando consigo mesmos, a fim de entender o vazio, as lacunas indefinidas diante da realidade vivida, dos desafios cotidianos do acontecer humano. Além disso, a religião católica fomentou o originário das comunidades, pois, por meio dela, acontecia a integração social entre os imigrantes, apresentando o sentimento de coletividade, como acontecer solidário em meio à solidão do deixado para trás e do profundo encontro consigo na labuta diária, constituindo-se como importante elemento constitutivo da identidade do povo pinheiro pretense, à medida que foram “jogados” no território pinheiro pretense. Juntamente com a religiosidade, outra marca forte da colonização foi o trabalho árduo, pois, por meio dele, foram surgindo os parreirais, por volta de 1920.

Por ser parte da cultura do italiano, considerada bebida sagrada, o vinho sempre foi produzido no município, nas unidades familiares que, inicialmente, produziam-no para suprir as suas necessidades de consumo. Entretanto, por volta das décadas de 1940 e 1950, em culto aos santos padroeiros das comunidades e vilas, bem como nas festas de casamento religioso, o vinho tornou-se uma bebida indispensável. Nos filós realizados à noite, o vinho também sempre estava presente, eram os momentos de descontração dos colonos, nos quais histórias eram contadas, a fim de manter a tradição oral das famílias e dos grupos de imigração. Eram também esses os momentos de descobrimento do ser diante do sofrimento vivido, da experiência do nada e do anseio de vencer os desafios do ser humano, para eles constituídos

por dois momentos distintos, mas intimamente interligados: as festas religiosas e os filós, marcados pelo vinho. Ou seja, duas formas celebrativas, uma mais apolínea e outra mais dionísia.

De modo especial, o vinho passou a ser um dos agentes econômicos do município, pela organização física do espaço vivencial desses chamados colonizadores, bem como pela organização política do município. Ou seja, foi estabelecido ao longo do tempo histórico, um território caracterizado por simetrias e assimetrias de poder, com suas diversidades. Na verdade, toda essa história constituída a partir da colonização italiana, por meio de seus hábitos trazidos da Itália e adaptados à realidade do Brasil, deixou arraigados traços em todas as esferas da sociedade de Pinheiro Preto.

Essa estrutura identitária, que antes se centrou em torno do catolicismo, do consumo do vinho de forma comedida, hoje é fortemente identificada como “território do vinho”. Isso se deve à toda assimetria de poder que a cadeia produtiva da bebida articula junto aos atores sociais do município: agricultores, descendentes de italianos, enólogos, empresários, etc. Assim, esse território, ao interagir com a escola, passa a ampliar os seus horizontes de atuação, reconfigurando valores do próprio ser pinheiro pretense. Por isso, questiona-se: Como se efetiva o processo educacional diante da condição humana do ser contemporâneo perante o território constituído pelos elementos da cultura italiana desse lugar?

Diante disso, é preciso refletir no pensar a educação sob a perspectiva da educabilidade, a possibilidade da aprendizagem, da autoformação, do humano como projeto, uma vez que o conhecimento é algo singular que fará parte do todo dentro do processo educacional. O dialogar consigo mesmo, no encontro com o outro, é uma forma do perceber-se como humano. É percebendo-se como ser-no-mundo, como mundo marcado por relações de poder sob um determinado território, que a educação se efetiva. No entanto, ao que parece, o processo educacional que é vivenciado é marcado por uma profunda angústia decorrente da crise dos princípios e dos valores sociais estruturantes. Novamente, o homem depara-se com o nada, com o ser como temporalidade, o que evoca a pergunta sobre o que é o humano e qual a sua condição. É a crise na educação, como também é a crise da família, a crise da religião, a crise de uma sociedade inteira que provoca essa escuta. Assim, a educação de um povo depende do contexto originário que é posto em jogo à medida que se acirra a luta do indivíduo contra o outro, na era do capitalismo neoliberal.

No caso do território construído em Pinheiro Preto, percebe-se que, por meio da dinâmica do ser, fazendo-se enquanto obra, os elementos que constituíram a identidade do lugar, estabeleceram as relações afetivas que transbordam sobre as atividades escolares, por intermédio de desfiles festivos, feiras, atividades cotidianas de sala de aula que lembram a história do município, etc. Tais atividades são estruturadas diante do cenário econômico mundial, uma vez que o capitalismo faz parte da vida do ser humano de forma tão plena que não é possível desassociá-lo do contexto. Mais uma vez, então, a (re)orientação do processo educacional faz-se necessária em meio aos desafios contemporâneos que também as sociedades locais passam a enfrentar. E para (re)orientar os processos educativos, interessante se faz compreender o sentido da temporalidade, o sentido da condição humana e dos processos educativos. Nesse sentido, a proposta da hermenêutica filosófica de Gadamer, “[...] uma das consequências mais diretas de ST e da obra de Heidegger” (STEIN, 2008, p. 17), revela-se uma promissora proposta educacional capaz de assegurar o ser para o ser, possível na e pela experiência. Esta, a experiência, segundo Gadamer (2005, p. 465),

[...] faz parte da essência histórica do homem. Embora o objetivo limitado de uma solicitude pela educação seja o de poupar alguém de fazer certas experiências, como fazem às vezes os pais com seus filhos, a experiência, em seu conjunto, não é algo que possa ser poupado a alguém. Nesse sentido, a experiência pressupõe que necessariamente se frustrem muitas expectativas, pois somente é adquirida através disso. O fato de a experiência ser eminentemente dolorosa e desagradável não corresponde a uma visão pessimista, mas provém, como se pode ver, da essência da própria experiência [...] Assim, o ser histórico contém, como um momento essencial, uma negação fundamental que aparece na relação essencial entre experiência e discernimento.

Nesse sentido, o ser humano, ao experimentar o novo, percebe na essência da experiência as transformações, as quais originam e fazem emergir novos saberes, pois a compreensão altera-se pela negação da experiência anterior, transformando-se em outro. Isso porque, como acontecer originário,

[...] a experiência se instaura como um acontecer que não tem dono e que a importância particular dessa ou daquela observação como tal não é decisiva para sua instauração, mas que tudo acaba se

ordenando de um modo que não pode ser compreendido. A imagem mantém essa peculiar abertura onde se adquire a experiência [...] esta continua válida até que apareça outra experiência nova. (GADAMER, 2005, p. 461).

Gadamer (2005) nos mostra que, como a experiência é um acontecer que não tem dono, visto a importância particular desta ou daquela observação não ser decisiva, embora uma educação possa ser projetada em uma determinada direção, o significativo é não ser possível o controle absoluto sobre tais processos, conferindo espaço ao ser enquanto acontecer. Mas isso não significa que qualquer tipo de educação serve. O propósito educacional constituinte da hermenêutica filosófica é o diálogo em que a educação emerge como autoeducação, em um acontecer que não tem um dono. Ou seja, que esta ou aquela subjetividade possa controlar o processo, pois a subjetividade é a subjetividade do diálogo.

Transpondo tal contraponto para a educação em Pinheiro Preto, percebe-se que o ser humano como sujeito colonizador já experimentava o sofrimento em meio às dificuldades oriundas do processo de colonização. Assim, o povo pinheiro pretense experimentou, em seu momento originário, o nada como possibilidade, ao mesmo tempo que precisou lançar-se. E neste lançar-se como temporalidade, foi constituindo-se. No entanto, a partir do discernimento somado às suas experiências, foi conscientizando-lhe de que o seu labor poderia transformar a sua realidade, a sua história, em um fazer-se na medida em que fazia algo. Isso pode ser explicado por algumas experiências provindas da colonização italiana no Município de Pinheiro Preto, conforme afirma Frizzo (2008, p. 29).

[...] assim que se instalaram em suas moradias, preocuparam-se em erguer uma capela, liberando os próprios filhos dos afazeres em casa para contribuírem na construção da comunidade cristã católica. Para os italianos, não era preciso que os seus filhos frequentassem escolas, era necessário apenas trabalhar e cultivar com todo respeito, a religião católica.

Além da religiosidade, muito arraigada na constituição do ser pinheiro pretense nos primórdios da colonização do município, marcas fortes de experiências são as diretamente ligadas à fabricação do vinho:

Inicialmente, a produção de vinhos era bem artesanal: as uvas eram esmagadas com os pés em gamelas de madeira. No entanto, muitas famílias italianas já tinham moedeiras manuais de madeira, ou ferro, trazidas pelos seus descendentes do Rio Grande do Sul ou feitas por eles mesmos. Depois de extraído o suco da uva, este era armazenado em pipas, fermentado, trasvasado e pronto para beber. (FRIZZO, 2008, p. 36).

Dessa forma, indispensável no almoço e no jantar das famílias de descendentes de italianos do município, o vinho, aos poucos, passa a ser comercializado. Em princípio, era armazenado em pequenas pipas de madeira ou barris, no porão das casas, conhecidas pelos descendentes de italianos como “cantina”. Com a construção da estrada de ferro, na primeira metade do século XX, a bebida começa a ser vendida para municípios maiores e distantes, sendo transportado pelo trem.

Nesse momento, iniciam-se as pequenas vinícolas, constituindo-se, aos poucos, em empresas familiares, presentes até hoje no município e que são responsáveis por grande parte do movimento econômico deste. A primeira empresa importante do município, na venda de vinhos, foi uma cooperativa. Apesar de ter sido levada à falência por má-administração por volta da década de 1950, foi um instrumento importante de circulação de mercadorias do município em nível regional e interestadual na época, principalmente para a comercialização do vinho.

O vinho, produzido pelos colonos em suas propriedades era levado em barris até a cooperativa por meio de carroças e mulas. Da cooperativa, rolavam os barris até a estação [...] que então era transportado pelo trem até Porto União ou São Paulo. (FRIZZO, 2008, p. 38).

Percebe-se que, muitas vezes, esse aprendizado, independentemente da experiência com a qual ele se associa, realiza-se pelo sofrimento, e é nesse estágio que o discernimento do ser humano precisa realizar a compreensão da sua limitação, fazendo o que Gadamer (2008, p. 466) chama de “experiência da finitude humana.”

Na esteira dessa reflexão, percebe-se que as relações de poder implícitas no humano acabam, por vezes, provocando a experiência da perda da liberdade, do sentir-se “sem os pés no chão”, a experiência do nada. E sem essa firmeza, a verdade vai sendo questionada, uma vez que ela somente pode ser compreendida a partir do momento em

que há conhecimento do prazer e do desprazer das coisas. É nesse contexto que se explica a educação voltada para os modelos religiosos, leia-se modelo cristão, no qual a oração era inventada a fim de assegurar a paz aos desassossegados, dos que não conseguem a experiência da luz interior. Ou seja, à medida que as verdades tidas como absolutas iam sendo questionadas, o ser humano era obrigado a pensar que se encontrava em um estágio de martírio, de sofrimento, e que para encontrar a sublimação deveria, a grosso modo, “pagar pelos seus próprios questionamentos”, o que hoje ainda está presente, mas de maneira intimista, pois o comunitário se perdeu e encontrou-se o indivíduo, antes não muito valorizado.

Nesse sentido, o adiar as formas que buscam o esclarecimento e as suas formas de compreensão seria o mesmo que adiar por um momento o acontecer originário do ser, o encontrar-se consigo mesmo, impossibilitando a experiência profunda de si, a autocompreensão de sua condição. Isso porque, no catolicismo, a imperfeição, a finitude beira ao perigo da não salvação. Percebe-se, portanto, que, independentemente da época a ser refletida, a aprendizagem ocorre também por meio do esforço, da perspectiva do entendimento que busca atingir o outro, na busca de si, como alteridade. É essa condição de acontecimento temporal que, segundo Heidegger (2010), revela-se a verdade da obra (nesse caso, a verdade do processo educacional).

3.1 A POLÍTICA EDUCACIONAL EM PINHEIRO PRETO E PERSPECTIVAS DESDE O ORIGINÁRIO

Na modernidade, pela ação do Estado, as políticas exercem o seu papel, a sua função apresentando-se como elemento-origem, ou como força principal em desconsideração à subjetividade regional ou de condução do jogo subjetivo regional, local. Obviamente, elas estão alicerçadas sob o contexto de interesses mais amplos com enraizamentos locais.

Se analisada perante o ideal moderno de educação, a ideia é formar o indivíduo visando ao esclarecimento, à liberdade, o que talvez tenha gerado tantas incertezas e (des)construções. É por isso que a educação atual busca resgatar os juízos, os deveres, os valores no coletivo dialógico, por excessivamente focar o indivíduo. Mas é algo que não pode mais ser deixado de lado, à medida que está fundado na ideia de que o homem é em si e para si, é subjetividade, diferente de como ocorria no modelo religioso católico, predominante no constructo identitário pinheiro pretense.

A educação, nessa perspectiva, busca o acesso universal ao ensino, e, entende-se que, a partir da determinação da vontade é que surgem as transformações desse processo, tanto na esfera na qual o ensino acontece (escola), quanto na esfera em que as políticas são formuladas (poder público). É preciso considerar, ainda, que o poder público, nesse contexto, define os papéis de atuação do Estado, o qual também tem seus momentos de autodiálogo para poder se redefinir no novo contexto mundial. Para tal, deve-se lembrar que, hoje, tanto o Estado quanto o ser humano buscam compreender o seu sentido. Ambos que, outrora, foram a explicação para a busca do poder político, econômico e social, encontram-se em um momento de vazio, de falência de ação, frente ao dinamismo da realidade. De outra forma, o Estado contemporâneo vem reinventando-se de forma radical em sua forma, perceptível pelas políticas neoliberais, imputando novos desafios que, muitas vezes, suplantam e parecem suplantar as autonomias locais. Nesse contexto, pode-se trazer a reflexão do Estado mediante um território que focaliza espaços com relação de poder e que pode fazer a analogia de seu papel ao próprio ser. Para tal, é preciso entender, primeiramente, que

[...] o Estado é de imediato definido como um Estado dotado de um território. Isto é, entre os qualificativos do Estado Moderno – uma forma de Estado específica e historicamente localizada – está o fato de ele possuir um espaço demarcado de exercício de poder, o qual pode estar integralmente sob seu efetivo controle ou conter partes que constituem objeto de seu apetite territorial. (MORAES, 2002, p. 61, 2002).

Nessa perspectiva, a análise da definição das políticas no território de Pinheiro Preto faz sentido ao investigar toda a identidade cultural coletiva do povo que realiza suas ações nesse espaço originário, pois o acontecer do ser, sob esse território, vai fazendo-se à medida que a autonomia deste é utilizada com responsabilidade, revelando formas que atendam ao bem coletivo e aos bens privados. Assim, o reconhecimento das atitudes sociais é que fundamenta a

política de tal território e, em uma relação em que tanto o Estado quanto o povo atuam de forma recíproca, o fazer-se da educação vai revelando-se, desenhando-se. Assim, a educação reflete a compreensão que esses atores sociais, e ao mesmo tempo seres humanos, atuam de forma paralela na busca pelo fazer ser e conviver, no contexto do ensino-aprendizagem, no qual o processo educacional se efetiva de fato.

A educação efetivada mediante a imposição de políticas externas sobre as formas de poder presentes no território delega o empobrecimento do ser não apenas como humano, mas como sociedade. Tais reflexões reiteram o fato de que o acontecer do ser também se faz sob o território e as políticas que dele emanam ou que sobre ele se impõem, uma vez que compreender é uma experiência da consciência que acontece em um tempo e espaço, mas não somente no espaço escolar institucional. Nesse espaço territorial, evidenciam-se as frustrações, as vitórias, as descobertas, os conhecimentos, etc. Assim, o ser humano é a obra se fazendo, diante de um jogo de poderes que ultrapassam os limites de compreensão para atingir às fronteiras de si mesmo, as quais podem ser pacíficas pelo autodiálogo ou conflituosas, quando a razão e a emoção se chocam diante das novas descobertas. Como afirma Heidegger (2010, p. 171) “[...] o saber que permanece um querer e o querer que permanece um saber é o extático lançar-se do ser humano existente no desvelamento do ser.” É nesse originário do ser que educar transcende os espaços escolares e não escolares de ensino e que a experiência humana evidencia o aprender como algo que dá finalidade à condição humana de existir. Tal originário é um desafio a ser pensado pelas ações políticas da educação da sociedade pinheiro pretense.

Voltar ao território originário do humano é buscar compreender, em meio aos desafios contemporâneos, a formação identitária visando à ressignificação do ser e não apenas educar para a técnica, para o modelo econômico vigente. É assegurar a condição de temporalidade de abertura, a experiência originária originante: no caso, a ressignificação do identitário pinheiro pretense em sua condição de projeto. Nesse sentido, não apenas a política educacional estatal poderá trazer benefícios para a economia local, considerando-a como parte do ser pinheiro pretense, com sentimento de pertencimento, em uma relação afetiva e de identidade, em que o vinho possa continuar sendo um dos elos na formação identitária e, assim, constituir uma legitimidade maior que a dependente de valores e referenciais externos. O desafio está exatamente em conjugar o individual com o coletivo.

Conforme evidencia Frizzo (2008), ao investigar as ações do poder público municipal de Pinheiro Preto em relação ao resgate da cultura italiana do município, o território do vinho deveria ser mais bem-explorado e articulado com políticas de resgate à relevância histórica e cultural, uma vez que, nas escolas,

[...] os alunos mencionaram que deveriam ser feitas mais visitas, que deveria existir uma casa do vinho, montada com máquinas da produção, etc. Sugeriram também a criação de novos programas de turismo (interligando o histórico do vinho à história da estrada de ferro e do município em si, através de passeios com Maria-fumaça); a criação de novos produtos (como já ocorre com muitas cantinas) e a articulação de pontos turísticos a propriedades rurais com parreirais bem cuidados, fazendo passeio de distração e conhecimento. (FRIZZO, 2008, p. 82).

Essas experiências, ao longo do tempo, instigam a ideia de que o processo educacional retome a compreensão de tais experiências originárias ao longo da história do município, como uma forma de compreensão de si, para que a atual comunidade pinheiro pretense reconheça de forma mais concreta que possui uma tradição em torno da temática do vinho.

Se a cultura local é tratada de forma generalista nos eventos e festividades do município, acredita-se que seria pertinente que fosse mais explorada, considerando a expressão identitária do município, além do apelo de *marketing* que vem sendo construído em torno de Pinheiro Preto, como a capital catarinense do vinhos e que deverá ser revertido como aspecto positivo para toda a sociedade local. Para isso, a escola constitui-se como um dos importantes locais onde as crianças poderão compreender de forma mais apropriada toda a história da colonização italiana e da produção de vinho, e sua importância para a economia, a sociedade e a cultura do município. Por isso, a importância de se trabalhar essa questão com as crianças, por meio da reestruturação do currículo convencional e de projetos pedagógicos, pois são essas futuras gerações que permitirão ou não a continuidade do econômico, social e político atual, bem como da preservação da cultura local.

Observa-se que o território de Pinheiro Preto, constituído sob a ótica da cultura proveniente da colonização, possui no currículo escolar de suas escolas pouca ênfase no resgate e, conseqüentemente, no diálogo com a cultura

local, em especial com a cultura italiana e a produção de vinhos do município. Assim, essa temática pode ser repensada, uma vez que conservar as raízes históricas do local de origem da população é dever também do processo educacional, pois, do contrário, corre o risco de se esvaziar.

4 CONCLUSÃO

Diferentemente da lógica tradicional que se constitui em meio à linearidade em uma relação temporal de causa e efeito, o originário constitui-se em um *tempo poético-ontológico*, um estar sempre principiando, um tempo recorrente, marcado pela experiência sempre outra, à medida que se constitui uma lógica aberta. Nessa perspectiva, o desvelar e o velar da verdade nas experiências humanas revela o ser humano como acontecer temporal, como temporalidade, obra em obra.

Voltar ao território originário do humano é buscar compreender, em meio aos desafios contemporâneos, a formação identitária visando à ressignificação do ser e não apenas educar para a técnica, para o modelo econômico vigente. É assegurar a condição de temporalidade de abertura, a experiência originária originante: no caso, a ressignificação do identitário pinheiro pretense em sua condição de projeto em meio aos desafios cotidianos da diversidade, como temporalidade, em que emerge o desafio do diálogo vivo, de experiência profunda de si, no projetar resignificante de si e do outro, no caso de Pinheiro Preto, marcado pelos encontros e desencontros entre Apólo e Dionísio, situados na e pela cultura do vinho.

Education and the emergence of human in the city of Pinheiro Preto

Abstract

To be articulate with the lived space, the establishment of territories in which the man is when achieving also social experience. This article, by analyzing the Italian colonization of the city of Pinheiro Preto and its cultural traits, intended to explain how human beings experience the finiteness, while seeking answers to the challenges of the human condition. Thus, through the meeting of the traits of this culture with the educational approach, we intended to show how both are structured from the perspective of the game of power wills in which the subject acts and effective as a human. In this intrinsic relationship, it is evident that the overall needs the local and vice versa. The object of the analysis consists of the result of action dynamic, articulated to the prevailing economic and cultural context in which the human being in his human condition, dialogues to himself amidst the becoming game.

Keywords: Human being. Education. Territory. Italian colonization. Pinheiro Preto.

Notas explicativas:

¹ Texto produzido a partir dos debates promovidos no componente “Tópicos Especiais I: Experiências formativas, ministrado pelo Prof. Dr. Clenio Lago, no semestre de 2012/1, e da monografia de especialização em Ensino de Geografia e História “A Relevância Histórica, Econômica e Social da produção de vinho em Pinheiro Preto, SC”, de autoria de Gabriela Frizzo, no semestre 2008/2.

² Informações disponíveis em: <<http://www.pinheiropreto.sc.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

³ Notas de tradução do livro de Martin Heidegger A origem da obra de arte, feitas por Idalina Azevedo e Manuel António de Castro, publicadas, ao final da obra, por ocasião da tradução dela para o português. Citando Heidegger (2010, p. 37), para esclarecer o conceito quando afirma que “O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo também nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra são em-si e em sua mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde o artista e obra de arte têm seu nome, através da arte.”

REFERÊNCIAS

- FRIZZO, G. **A relevância histórica, econômica e social da produção de vinho em Pinheiro Preto, SC**. 2008. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, Fraiburgo, 2008.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e método**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 5. ed. Tradução Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAGO, C. **Experiência estética e formação**: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. 2011. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MORAES, A. C. R. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SANTA CATARINA. **Lei Estadual n. 12.145**, de 05 de abril de 2002. Disponível em: <www.alesc.sc.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e tempo”**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHUBACK, M. S. C. A perplexidade da presença. In: HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 5. ed. Tradução Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

